

# Destroços do navio naufragado em Melides em 1626 terão sido encontrados

Carlos Dias

**Estudos numa tábuada embarcação podem vir a confirmar se se trata do navio holandês *Schoonhoven***

A elevada precipitação ocorrida no Sul do país e na primeira metade de Fevereiro traduziu-se no aumento repentino das escorrências para a lagoa de Melides, provocando na quarta-feira, dia 10, o rompimento da língua de areia que separa o sistema lagunar do oceano. O canal aberto pela violência das águas, numa extensão com cerca de uma centena de metros, acabou por expor destroços de uma embarcação.

Daniel Vilas, praticante de surf, passou no local e estranhou o aparecimento do achado no interior da lagoa de Melides. Comunicou a descoberta a Luís Alegre, técnico superior da Agência Portuguesa do Ambiente no litoral alentejano, que rapidamente passou a mensagem, “permitindo o registo do achado”, adiantou ao PÚBLICO o arqueólogo Alexandre Monteiro, que lidera a equipa envolvida no projecto “Um Mergulho na História”.

Os investigadores optaram por uma intervenção de “emergência, dada a reduzida janela temporal” para monitorizar e avaliar o estado de conservação deste achado fortuito, que só era visível durante a maré baixa.

Os primeiros vestígios da presença de uma embarcação no interior da lagoa de Melides já “havia sido antes identificados por mergulhadores”, explicou ao PÚBLICO Céu Novais, porta-voz da Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC), sem que tivesse sido possível obter dados mais concretos. Até agora.

Desta vez, e sabendo-se que as circunstâncias não facultavam uma observação mais profunda, os investigadores procederam ao “registo tridimensional do destroço e à recolha de uma tábuada de forro exterior da embarcação”.

Recorrendo à dendrocronologia, método de datação através da análise dos anéis de crescimento da madeira, a amostra de madeira vai ser analisada e é considerada “fundamental” para validar a hipótese de se tratar de destroços do navio holandês *Schoonhoven*, que, segundo registos históricos, naufragou ao largo de Melides a 23 de Janeiro de 1626. Os dados que venham a ser obtidos serão decisivos para afirmar “com maior certeza” se os destroços descobertos pertenciam ao “mal-

grado *Schoonhoven*, que terá tentado provavelmente abrigar-se em Melides numa última manobra desesperada”.

A informação histórica disponível, incluindo estampas publicadas em obras da época, mostram que existia um estuário onde hoje se localiza a lagoa, “sendo possível a navios de porte considerável fundarem junto à vila de Melides”, observa a DGPC.

Segundo Alexandre Monteiro, os vestígios trazidos à luz do dia na sequência da abertura da lagoa de Melides ao mar, “possivelmente”, serão do navio *Schoonhoven*. O arqueólogo subaquático diz ter consultado “documentação inédita”, pertencente ao Arquivo Histórico Ultramarino, e a arquivos holandeses, que lhe possibilitou “identificar Melides” como o local da ocorrência do naufrágio do *Schoonhoven*.

A informação que recolheu descreve o percurso da embarcação desde que partiu de Texel, na Holanda, a 20 de Dezembro de 1625, sob o comando de Kornelis Hartman. O navio, de 400 toneladas, “um pouco maior que uma caravela” e que fora

**O arqueólogo subaquático Alexandre Monteiro diz ter consultado “documentação inédita” que lhe possibilitou “identificar Melides” como o local da ocorrência do naufrágio**

**A amostra de madeira, que vai ser analisada recorrendo-se à dendrocronologia, é considerada “fundamental” para validar a hipótese de se tratar do *Schoonhoven***

“utilizado no tráfico de escravos”, foi construído em 1619 e pertencia à Câmara de Amesterdão da Companhia Holandesa das Índias Orientais (Verenigde Oostindische Compagnie, VOC). Ia realizar a sua terceira viagem em direcção à Ásia, num percurso que foi “tragicamente interrompido” na costa portuguesa, a 23 de Janeiro de 1626, há 395 anos.

O registo dos acontecimentos a seguir ao naufrágio que Alexandre Monteiro facultou ao PÚBLICO destaca o testemunho de Agostinho Dias, que assistia em Melides ao corte de madeira de pinho que se destinava à construção de naus da Índia. Nas cartas que enviou ao vedor da Fazenda Luís da Silva, dava-lhe conta de como “naquela paragem dera à costa, por temporal, uma nau holandesa. Da gente que levava, morreu a maior quantidade”. O Conselho da Fazenda diz que, dos cerca de 200 homens da tripulação do *Schoonhoven*, morreram 174. Os sobreviventes foram conduzidos a Lisboa, “aprisionados como inimigos da Grande Ibéria”. Mais informava que a embarcação transportava “11 âncoras e 16 peças de fogo, duas de corso e outras de defesa”.

## Uma dúvida

No decorrer dos séculos que medeiam do naufrágio até ao presente, os destroços do navio holandês terão ficado soterrados nas areias da actual lagoa de Melides, até que um inesperado fenómeno natural pôs a descoberto destroços que se julga poderem pertencer ao *Schoonhoven*. Poucos dias depois da descoberta, os vestígios foram reenterrados pelas dinâmicas do estuário e irão ficar, de novo, sob as águas da lagoa. Há, contudo, uma dúvida que subsiste: a de se saber, se vier a ser comprovado que se trata, de facto, do navio holandês, se no seu interior estarão cerca de 30 mil moedas de prata.

A monitorização e avaliação, nomeadamente do estado de conservação do achado, foram asseguradas por uma equipa do Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática (CNANS) da Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC), em conjunto com a Direcção Regional de Cultura do Alentejo e os investigadores do projecto apoiado pelo Orçamento Participativo de Portugal 2018 “Um Mergulho na História”.

A investigação realizada nos destroços do navio contou ainda com a colaboração da Câmara de Grândola da Administração da Região Hidrográfica do Alentejo, da GNR, da Capitania do Porto de Sines e da Polícia Marítima.



DANIEL ROCHA

apoio as entidades artísticas não profissionais até ao final de Março.

## Mais 1,4 milhões para o ICA

O Instituto do Cinema e do Audiovisual terá por sua vez mais 1,4 milhões de euros para distribuir. A repartição prevista pelo diploma privilegia as longas-metragens de ficção (600 mil euros), mas também há reforço para curtas-metragens (100 mil), documentários (180 mil), festivais (60 mil) e produção audiovisual e multimédia (500 mil).

No universo do livro, as medidas extraordinárias que se mantêm não isentam a Direcção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas de abrir concursos para bolsas de criação literária em 2021, mas o MC tem agora mais 270 mil euros a distribuir pelos 24 candidatos que ficaram classificados imediatamente abaixo dos apoiados no concurso de 2020.

As pequenas e médias editoras, assim como as pequenas e médias livrarias, poderão por sua vez candidatar-se a linhas de apoio cujas condições serão divulgadas, no máximo, dentro de 44 dias. O montante global disponível é de 300 mil euros para cada uma das linhas.

Finalmente, o programa estatal de compra de arte contemporânea portuguesa contará com 650 mil euros, mais 150 mil do que em 2020, tal como já fora anunciado.



FOTOS: DR

